



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

**INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS
ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM
ÊNFASE EM ECONOMIA
SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO**

**ANÁLISE DE AÇÕES DA INCUBADORA INCOSOL-CES /UFCG NO
PROCESSO DE FORMAÇÃO, COM CAPRINOVINOCULTORES DA
COOPERATIVA AGROPECUÁRIA CACHO DE OURO.**

LAIANE CRISTINA SOUZA DE ARAUJO

CUITÉ- PB

2017

UFCG/BIBLIOTECA

LAIANE CRISTINA SOUZA DE ARAUJO

**ANÁLISE DE AÇÕES DA INCUBADORA INCOSOL-CES /UFCG NO PROCESSO
DE FORMAÇÃO, COM CAPRINOVINOCULTORES DA COOPERATIVA
AGROPECUÁRIA CACHO DE OURO.**

Monografia apresentada curso de especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária (EJA ECOSOL) da UFCG / *Campus Cuité*, como requisito para obtenção título de especialista.

Orientador (a): Prof. Dr^a Claudia Patrícia Fernandes dos Santos

Cuité-PB

2017

UFCG/BIBLIOTECA



Biblioteca Setorial do CES.

Julho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

A663a Araújo, Laiane Cristina Souza de.

Análise de ações da incubadora INCOSOL-CES/ UFCEM no processo de formação, com caprinovinocultores da cooperativa agropecuária Cacho de Ouro. /Laiane Cristina Souza de Araújo. – Cuité: CES, 2017.

59 fl.

Monografia (Especialização em educação de jovens e adultos com ênfase em economia solidária no semiárido paraibando) – Centro de Educação e Saúde / UFCEM, 2017.

Orientadora: Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos.

1. Economia solidária. 2. incubadora. 3. Educação de jovens e adultos. I. Título.

Biblioteca do CES - UFCEM

CDU 330.873

LAIANE CRISTINA SOUZA DE ARAÚJO

**ANÁLISE DE AÇÕES DA INCUBADORA INCOSOL-CES /UFCG NO PROCESSO
DE FORMAÇÃO, COM CAPRINOVINOCULTORES DA COOPERATIVA
AGROPECUÁRIA CACHO DE OURO.**

Monografia apresentada ao do curso de especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária (EJA ECOSOL) da UFCG / campus Cuité, como requisito para obtenção título de especialista em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Dr^a. Claudia Patrícia Fernandes dos Santos - Orientadora

Dr^a. Michelle Gomes Santos

Dr^a. Leticia Carpolingua Giesta

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus por ter me dado capacidade e persistência para enfrentar todos os obstáculos existentes ao longo dessa temporada.

A minha orientadora, Dr^a Claudia Patrícia Fernandes dos Santos, por ter aceitado me ajudar ao longo do trabalho.

A minha mãe: mulher guerreira, batalhadora que sempre acreditou que eu fosse capaz.

Aos meus colegas de sala, em especial a minha amiga Graça, pelas horas de muita descontração, alegria e também pelos vários ensinamentos e uma imensa ajuda na conclusão desse trabalho.

Aos meus amigos do coração, Edilson e Simone que sempre me fizeram enxergar uma nova oportunidade em meio às dificuldades.

A minha mais que querida amiga Amanda, que apesar da distância sempre me apoia quando eu preciso.

Ao meu marido Rodrigo, que sempre está comigo e me faz enxergar que tudo sempre dá certo.

Aos agricultores que me trataram com muita educação e aceitaram participar da pesquisa.

RESUMO

A Economia Solidária ainda é um fenômeno novo que vem caminhando junto com órgãos, como cooperativas, associações e incubadoras universitárias de empreendimentos econômicos solidários, a partir dos seguintes princípios: autogestão, democracia, cooperação, centralidade no ser humano, valorização da diversidade, emancipação, valorização do saber local, valorização da aprendizagem, justiça social e cuidado com o meio ambiente. Dentre esses órgãos, destacam-se as Incubadoras de Empreendimentos Econômicos Solidários, que se mostram como um espaço importante para que se desenvolvam pesquisas teóricas e empíricas sobre a Economia Solidária, cuja ação política pode voltar-se a atender a uma classe social desprovida dos meios de produção e realimentar a construção do conhecimento através da prática. Essas práticas possibilitam os trabalhadores a ter acesso a saberes técnicos e conceituais. Assim, esse trabalho teve como objetivo analisar ações da INCOSOL - Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários do CES - UFCG Cuité-PB, acerca dos processos educativos de formação para a prática da economia solidária a um grupo de caprinocultores e ovinocultores, inseridos na cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro. Essa pesquisa fez uso de métodos qualitativos, através de aplicação de questionários e entrevistas, bem como observação. Através dos resultados obtidos, vimos que a incubadora tem um importante papel nos cursos, mas as formações educacionais atendem de maneira limitada as necessidades dos envolvidos no processo, pois constatou-se uma resistência dos produtores em participar das atividades propostas pela incubadora, por muitas vezes não falar a linguagem que é praticada e vivenciada por essas pessoas.

Palavras Chave: Economia Solidária, Incubadora e Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

The Solidarity Economy is still a new phenomenon that has been moving along with organizations such as cooperatives, university associations and incubators of solidarity economic enterprises, based on the following principles: self-management, democracy, cooperation, centrality in the human being, valorization of diversity, emancipation, valorization of local knowledge, valuing learning, social justice and care for the environment. Among these bodies, we highlight the Incubators of Solidarity Economic Projects, which are shown as an important space for the development of theoretical research the Theoretical and empirical studies on the Solidarity Economy, whose political action can return to attend to a social class devoid of the means of production and to feed the construction of knowledge through practice. These practices enable workers to have access to technical and conceptual knowledge. Thus, this work had the objective of analyzing actions of INCOSOL - University Incubator of Economic Solidarity Projects of CES - UFCG Cuité-PB, about educational processes of formation for the practice of solidarity economy to a group of goat farmers and sheep farmers, inserted in the agricultural cooperative Cacho de Ouro. This research made use of qualitative methods, through the application of questionnaires and interviews, as well as observation. Through the results obtained, we have seen that the incubator has an important role in the courses, but the educational formations serve in a limited way the needs of those involved in the process, Because there was a resistance of the producers in participating in the activities proposed by the incubator for often not speaking the language that is practiced and experienced by these people.

Key words: Solidary Economy, Incubator and Youth and Adult Education.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	10
2-REFERENCIAL TEÓRICO	13
2. 1 Histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil.	13
2.2 Uma nova economia	17
2.3 Breve relato histórico da Cooperativa Agropecuária Cacho de ouro Coopercacho.	21
3 - METODOLOGIA	23
3.1- Público Alvo.....	23
3.2 Métodos Utilizados.....	23
4- RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
4.1 Ações desenvolvidas pela Incubadora.	24
4.1.2 Primeira Capacitação: Ensilagem e Fenação.....	31
9834.1.3 Segunda capacitação sobre Caprinocultura: Alimentação e Manejo.....	36
4.1.4 Terceira capacitação: Economia Solidária	39
4.2 Análises e transcrições das Entrevistas.....	45
5CONCLUSÃO	51
6 REFERÊNCIAS	51
APÊNDICES	54
APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	55
APÊNDICE I I- QUESTIONÁRIO APLICADO A ADMINISTRAÇÃO DA COOPERATIVA COOPERCACHO	57
APÊNDICE III – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS CAPRINOCULTORES E OVINOCULTORES	58

LISTA DE TABELA

TABELA 1: CONHECIMENTO ECONOMIA SOLIDÁRIA	26
TABELA 2: CONFIANÇA E SOLIDARIEDADE	44
TABELA 3: COESÃO E INCLUSÃO SOCIAL	455
TABELA 4: AUTORIDADE	45

LISTA DE FIGURA

FIGURA 1: CONVERSAS INFORMAIS COM PRODUTORES RURAIS.....	26
FIGURA 2: VISITAS AOS PRODUTORES RURAIS.....	27
FIGURA 3: PROPRIEDADE SÍTIO FLORES.....	27
FIGURA 4: PROPRIEDADE SÍTIO BOCA DA MATA.....	27
FIGURA 5: PROPRIEDADE SÍTIO FLORES.....	27
FIGURA 6: PROPRIEDADE SÍTIO BOCA DA MATA.....	27
FIGURA 7: PROPRIEDADE SÍTIO FLOES.....	27
FIGURA 8: PROPRIEDADES SÍTIO BOCA DA MATA.....	28
FIGURA 9: PROPRIEDADE SÍTIO CHÃ DA BULANDEIRA.....	28
FIGURA 10: PROPRIEDADE SÍTIO CHÃ DA BULANDEIRA.....	28
FIGURA 11: PROPRIEDADE SÍTIO CHÃ DA BULANDEIRA.....	28
FIGURA 12: PROPRIEDADE SÍTIO FLORES.....	28
FIGURA 13: PALMAS.....	28
FIGURA 14: SUÍNOS.....	29
FIGURA 15: BOVINOS.....	29
FIGURA 16: AVES.....	29
FIGURA 17: GRAU DE INSTRUÇÃO DOS PRODUTORES.....	30
FIGURA 18: REGIME DE TRABALHO DOS PRODUTORES.....	31
FIGURA 19: APRESENTAÇÃO.....	33
FIGURA 20: EXPLORANDO A PALMA.....	33
FIGURA 21: CAPIM ELEFANTE.....	34
FIGURA 22: PROCESSO DE ENSILAGEM.....	34
FIGURA 23: SACO UTILIZADO PARA ENSILAGEM.....	34
FIGURA 24: VEDAÇÃO DO PRODUTO.....	34
FIGURA 25: FENO.....	35
FIGURA 26: ENCERRAMANTO , ALMOÇO.....	35
FIGURA 27: PRINCIPAIS PONTOS DO CURSO.....	36
FIGURA 28: APRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO.....	37
FIGURA 29: APRESENTAÇÃO DA INCUBADORA.....	37
FIGURA 30: RAÇÃO PENSADA.....	38
FIGURA 31: BANNES EDUCATIVOS.....	38
FIGURA 32: VALORIZAÇÃO DO HOMEM DO CAMPO.....	38

FIGURA 33: ALMOÇO, ENCERRAMENTO.....	38
FIGURA 34: CAFÉ DA MANHA.....	39
FIGURA 35: APRESENTAÇÃO.....	39
FIGURA 36: PRODUTOR.....	40
FIGURA 37: PRODUTOR.....	40
FIGURA 38: ENCERRAMENTO.....	41
FIGURA 39: ALMOÇO.....	41
FIGURA 40: ANÁLISES DOS ENCONTROS.....	41
FIGURA 41: PRODUTORES QUE QUEREM PARTICIPAR DO PROJETO.....	43
FIGURA 42: ANÁLISES GRUPOS E REDES.....	44

INTRODUÇÃO

A EJA (Educação de Jovens e Adultos) começou a ganhar espaço no Brasil na década de 30, quando se criou um Sistema de Educação Básica. Nesse período o país passava por várias transformações no setor industrial.

Ao decorrer da história a Educação de Jovens e Adultos ganhou mais destaque, sendo que, nos anos 60, foi mais expandida por todo Brasil, através de programas que beneficiavam os trabalhadores que queriam ingressar na escola, bem como aqueles que, por algum motivo, tiveram que abandonar a escola e se dedicar a outras atividades que gerassem renda para sustentar a si e a família. Mas, de acordo com a constituição de 1988, foi promulgado os direitos educacionais da EJA, promovendo cada vez mais o incentivo para que a educação aconteça, de qualidade e acessível a todos. (REBEIRO 2001), tendo em vista que a maioria das pessoas que buscam a modalidade de ensino da EJA se encontram a margem de uma sociedade onde prevalece a desigualdade social, o desemprego e exclusão. Dessa forma, a educação se torna uma porta de entrada para uma nova oportunidade de vida e afirmação desses indivíduos perante a sociedade. Com isso eles buscam adquirir conhecimentos para se auto afirmarem como membros dessa sociedade e construir sua própria história, tendo o direito a um trabalho digno, que muitas vezes lhe é negado devido a sua falta de estudo e as exigências de uma economia capitalista que hora subtrai dessas pessoas a oportunidade de uma vida mais digna, em que eles possam ser agentes construtoras de uma nova economia que não vise à exploração do ser humano, mas as suas potencialidades e capacidades de serem agentes construtores de uma nova sociedade mais justa, digna e solidária, onde as pessoas trabalhem e se sintam bem realizando o seu trabalho, sem que sejam exploradas por um mercado capitalista.

Dessa forma, a Economia Solidária veio para mobilizar jovens e adultos a se envolverem em uma nova visão econômica, que atenda todos envolvidos numa educação coletiva, tendo com principal desafio transformar a realidade social, cultural, política e econômica de uma sociedade marcada pelo estigma escravocrata e pela servil subordinação ao grande capital (FRIGOTTO, 1999).

A Economia Solidária é um fenômeno novo que vem atender uma demanda, que se envolva em uma educação não formal, e entre no mercado de trabalho visando uma economia diferente da capitalista, pois seu foco é a igualdade e democracia. Esse movimento voltado para uma nova economia está se inserindo em diversos setores e instituições e vem conquistando ao longo do tempo o seu espaço em uma sociedade que aprendeu a buscar novas

formas de trabalhos que gerem renda, sem a exploração do trabalhador, através de associações, cooperativas e incubadoras de empreendimentos solidários, que buscam em sua prática a construção de uma nova economia mais justa e solidária.

Esta nova prática é bastante comum dentro de cooperativas de empreendimentos solidários, mas nem sempre as cooperativas conseguem o êxito em seus projetos econômicos solidários, seja por falta de informação ou até mesmo por lhe faltarem experiência no setor e assim as cooperativas precisam buscar novas formas de inserir e praticar a economia solidária.

É através dessa necessidade que as incubadoras universitárias entram em ação nos projetos que visam à implantação, a discussão e o trabalho em comunidade, pois processos de incubação quando desenvolvidos no âmbito das Universidades devem se caracterizar como projetos de extensão universitária, ou seja, em que ocorra uma indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão (ARAÚJO FILHO, 2005), assim possibilitando que ocorra uma educação não formal que dar condições aos jovens e adultos terem acesso a um saber científico e a melhores condições de trabalho.

As Incubadoras Universitárias de Empreendimentos Econômicos Solidários oferecem uma assessoria contínua, que visa manter um relacionamento de confiança mútua com os sujeitos envolvidos nos processos de formação, bem como procura atender aos anseios e dificuldades de todos, de forma igualitária e justa.

É no processo de assessoria que as Incubadoras Universitárias de Empreendimentos Econômicos Solidários oferecem as experiências de geração de trabalho e renda, que vão progressivamente sendo identificadas com os Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) e configurando a economia solidária, ou economia popular solidária. O principal desafio dos agentes está em construir um processo de assessoria em conjunto com os trabalhadores, pois é através da participação de todos que os objetivos podem ser alcançados e esse processo se fundamenta somente quando os trabalhadores se assumem como sujeitos emancipados, tanto no processo de trabalho, autogestão endógena ao empreendimento, quanto na constituição da economia solidária, autogestão exógena, bem como ao “livrar-se do poder exercido por outros, conquistando ao mesmo tempo, a plena capacidade civil e de cidadania no Estado democrático de direito” (CATTANI, 2003).

A construção de um projeto alternativo que tenha como um dos seus elementos a economia solidária e cujo processo de constituição seja norteado pela educação popular e sustentabilidade é um fenômeno possível de ser concretizado, devido grande parte da sociedade está à margem e buscar diariamente meios para se desenvolver.

Muitos jovens e adultos não têm a oportunidade de se inserir no meio escolar e por muitas vezes começam a trabalhar em meios que não favorecem condições adequadas. É nesse momento que a Economia Solidária se mostra como um novo caminho a ser percorrido e é através dela que muitos vão ter acesso a educação.

Os trabalhadores precisam ter acesso a saberes técnicos, para poder gerir seus empreendimentos e saberes conceituais, para a construção de princípios de formação, e assim saberem desenvolver novas maneiras de pensar seu lugar na sociedade. A economia solidária surge, portanto, como forma alternativa de geração de trabalho, renda e inclusão social, para os trabalhadores excluídos do mercado formal de trabalho. Diante disso faz-se necessária uma investigação sobre os cursos de educação que ultrapassam os muros da escola, bem como uma análise desses cursos, investigando se ocorre de alguma maneira o acesso à economia solidária.

A pesquisa teve como objetivo geral analisar ações da INCOSOL - Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários do CES - Centro de Educação e Saúde da UFCG *Campus* Cuité-PB, acerca dos processos educativos de formação para uma economia solidária com caprinocultores e ovinocultores inseridos na cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro, localizada no município de Jaçanã RN. E de forma específica, verificar o papel da incubadora nos processos educacionais de formação técnica, bem como avaliar se os cursos de formação atendem as necessidades dos envolvidos no processo e identificar se a Economia Solidária e seus princípios são trabalhados nos cursos de formação.

2-REFERENCIAL TEÓRICO

2. 1 Histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil.

Na década de 30 criou-se o Sistema de Educação Básica instituído no Plano Nacional de Educação e nesse período, o país passava por várias transformações no setor industrial, onde a educação estava cada vez mais acessível e se estendia a vários setores da sociedade, inclusive a jovens e adultos que queriam retornar a escola. Foi nessa época que o Governo Federal impulsionou essa ampliação passando as responsabilidades financeiras para os estados e municípios (REBEIRO et al.2001) (FRIEDRICH et al. 2010)

Na década de 40, com o fim da ditadura Vargas o país vivia a efervescência política da redemocratização. A Segunda Guerra Mundial recém terminara e a ONU — Organização das Nações Unidas — alertava para a urgência de integrar os povos visando a paz e a democracia. Nesse período, a educação de jovens e adultos ganhava sua identidade com a Campanha Nacional de Educação, que seria desenvolvida em três meses, se estendendo da alfabetização até a capacitação profissional. E nesse curto período de tempo que foram criadas várias escolas de ensino supletivo.

Também nessa época foi criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) que vem corroborar com a intenção da sociedade capitalista e dos grupos econômicos dominantes que enfatizavam “sem educação profissional não haveria desenvolvimento industrial para o país”. Nessa fase da história, a educação é considerada como fator de segurança nacional, tendo em vista o alto índice de analfabetismo que era aproximadamente 50% da população em 1945. Nesse período a estagnação econômica, foi relacionada à falta de educação escolar do seu povo e culpavam principalmente os jovens e adultos que abandonaram a escola. Também na década de 40 foi regulamentado o Fundo Nacional de Ensino Primário (FNEP), criado pelo professor Anísio Teixeira, esse fundo tinha como objetivo garantir recursos permanentes para o ensino primário.

Anísio Teixeira se preocupava com a desigualdade econômica e cultural reinante entre os municípios, e questionava o que ocasionava a formação desigual dos alunos. E para que essa desigualdade fosse amenizada, propôs a criação de um “custo padrão”, com o objetivo de redistribuir entre municípios de um estado da federação os recursos já existentes para a educação fundamental, a partir da prefixação de um custo médio anual, nacional, do aluno financiado pelos três poderes públicos: União, Estados e Municípios (AMARAL, 2001).

Outro marco desta trajetória da EJA foi a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), na qual se começou a pensar o material didático para a educação de adultos e a metodologia adequada para esse público. Em 1947 ocorreu a realização do 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos e o Seminário Interamericano de Educação de Adultos, em 1949.

Na década de 50, as campanhas foram extintas. O analfabetismo era concebido como causa e não efeito da situação econômica, social e cultural do país e os adultos eram ditos como incapazes e marginalizados (REBEIRO et al. 2001). Porém, as lutas continuavam e em 1958 foi realizado o segundo Congresso Nacional de Educação de Adultos, objetivando avaliar as ações realizadas na área e visando propor soluções adequadas para a questão. Foram feitas críticas à precariedade dos prédios escolares, à inadequação do material didático e à qualificação do professor. Nesse mesmo congresso a delegação de Pernambuco, da qual Paulo Freire fazia parte, propôs um modelo de educação baseada no diálogo, que considerasse as características socioculturais das classes populares, e os conhecimentos que os indivíduos dessas classes já traziam consigo o que de certa forma, segundo Freire, viria a estimular a participação consciente dessas pessoas na realidade social em que elas estão inseridas.

O pensamento de Paulo Freire ganhou mais destaque nas campanhas de educação na década de 60, pois foi nessa época que a educação popular foi disseminada através de vários programas, contando também com o apoio da Igreja Católica. Porém, com o golpe militar todos os programas foram reprimidos. Mas no final da década de 60, mesmo com a intervenção militar, um novo programa de alfabetização foi criado em resposta ao método de ensino preconizado pelo educador Paulo Freire. Este novo método de ensino foi intitulado como Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL que foi criado com o objetivo de erradicar o analfabetismo em dez anos e se expandiu por todo Brasil.

O programa MOBRAL passou por várias modificações e na década de 70 o ensino supletivo foi implantado, marcando assim a história da educação de jovens e adultos do Brasil. Durante o período militar, a Educação de Jovens e Adultos adquiriu pela primeira vez na sua história um estatuto legal, sendo organizado em capítulo exclusivo da Lei nº 5.692/71, intitulado Ensino Supletivo.

O artigo 24 desta legislação estabelecia com função do supletivo suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não a tenham conseguido ou concluído na idade própria. (VIEIRA, 2004). Foram criados os Centros de Estudos Supletivos em todo o País, com a proposta de ser um modelo de educação do futuro, atendendo às necessidades de uma sociedade em processo de modernização. O objetivo era escolarizar um grande número

de pessoas, mediante um baixo custo operacional, satisfazendo às necessidades de um mercado de trabalho competitivo, com exigência de escolarização cada vez maior. O sistema não requeria frequência obrigatória e a avaliação era feita em dois módulos: uma interna ao final dos módulos e outra externa feita pelos sistemas educacionais. Contudo, a metodologia adotada gerou alguns problemas: o fato de os cursos não exigirem frequência, faz com que os índices de evasão sejam elevados, o atendimento individual impede a socialização do aluno com os demais colegas, a busca por uma formação rápida a fim de ingressar no mercado de trabalho, restringe o aluno à busca apenas do diploma sem conscientização da necessidade do aprendizado. HADDAD (1991), diz que os Centros de Estudos Supletivos não atingiram seus objetivos verdadeiros, pois, não receberam o apoio político nem os recursos financeiros suficientes para sua plena realização. Além disso, seus objetivos estavam voltados para os interesses das empresas privadas de educação.

Nos anos 80 muitos programas de alfabetização foram se consolidando juntamente com os movimentos populares, sendo que o que mais se destacou foi o MOBRAL. Esse programa foi o que mais atingiu os adultos trabalhadores da época, onde muitos jovens e adultos retornaram a escola através deste. Apesar das críticas, o programa incentivou uma educação para aqueles que estavam fora da escola e à margem da sociedade.

A partir dos anos 80, entraram em vigor as teorias propostas por Freire (2004). Apesar de toda contribuição das propostas educacionais Freireanas, os programas de Educação de Jovens e Adultos foram extintos e substituídos pela fundação EDUCAR, que tinha praticamente os mesmos objetivos de programas anteriores e conseguiu ampliar cada vez mais o acesso ao ensino e consolidando ainda mais o direito que foi estabelecido pela constituição de 1988, que era dever do estado brasileiro ofertar educação de qualidade para todos os cidadãos que dela foram privados.

Na década 90, o índice de pessoas sem emprego formal dobrou em relação aos anos 1980; neste mesmo período, mais que duplica o tempo médio de procura por um emprego. Para incluir todos aqueles que procuram trabalho assalariado, seria necessário criar no Brasil cerca de 1,5 milhão de empregos por ano, tendo um crescimento de 7% ao ano do PIB (POCHMANN *apud* KRAICHETE, 2000)

Frente ao contexto excludente e revigorados pela abertura política, setores da Igreja Católica e algumas organizações não governamentais nortearam seus projetos, na década de 1990, para a geração de trabalho e renda e para a construção de cidadania. Identificada a demanda por renda e a incapacidade do mercado formal em supri-las, além do crescimento do trabalho por conta própria, as entidades buscam promover assessoria e financiamento que

alavanque outro tipo de desenvolvimento. Este desenvolvimento é definido como vinculação entre econômico e social, proteção da qualidade da vida em geral, justiça social, superação da acumulação de riquezas e das desigualdades sociais, viabilidade econômica e promoção da autonomia e soberania das diversas culturas (MILANEZ, 2003).

Ainda na década 90, houve uma grande decaída nos programas que abrangiam a Educação de Jovens e Adultos, pois nessa época houve muita reclamação para uma educação consolidada e urgente, reformas pedagógicas que venha desde o ensino fundamental. Foi nessa época que a EJA começou a perder espaço nas ações governamentais e com a entrada do governo Collor, a Fundação EDUCAR foi extinta e todos os seus funcionários colocados em disponibilidade. E mais uma vez a Educação de Jovens e adultos fica desestruturada e lançada a margem das vontades dos poderes públicos e das políticas públicas.

Mas em janeiro de 2003, o MEC anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade do novo Governo Federal, a iniciativa que marcou esse novo recomeço da EJA foi a criação da Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, cuja meta era erradicar o analfabetismo durante o mandato de quatro anos do governo Lula. Para cumprir essa meta foi lançado o Programa Brasil Alfabetizado, por meio do qual o MEC contribuiria com os órgãos públicos estaduais e municipais, instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos que desenvolvam ações de alfabetização (LOPES e SOUZA 2008). Para que a Educação de Jovens e Adultos possa se desenvolver de maneira satisfatória é preciso que haja uma continuidade dos programas e também dos incentivos financeiros, pois esse público na sua maioria é de pessoas empobrecidas, sem oportunidades dignas de emprego por não terem tido acesso a uma educação de qualidade.

A maioria dos alunos da EJA são pessoas com histórico de fracasso escolar, repetentes e marginalizados pela sociedade, assim o desafio da época era atingir de forma eficaz esse público com metodologias novas que levassem em consideração o conhecimento que esses indivíduos traziam consigo, a sua cultura e suas experiências de vida. Para Gadotti 2006, a educação tem como pressupostos o princípio de que ninguém ensina nada a ninguém e que todos aprendem em comunhão, a partir da leitura coletiva do mundo. Sendo assim devemos respeitar e interagir com a visão de mundo dos alunos da EJA respeitando o saber que eles trazem de suas experiências de vida, e que esses saberes serão trabalhados e aprimorados no processo de construção do conhecimento, com a finalidade de resgatar a identidade e a autoestima desses cidadãos, que hora lhes foram usurpadas.

2.2 Uma nova economia

O termo Economia Solidária ganhou expressão no Brasil ao longo dos anos de 1990, à medida que iniciativas econômicas despontaram no país, notabilizando-se e sendo reconhecida por sua natureza associativa e suas práticas de cooperação e autogestão. Isso se deu no momento em que as lutas sindicais ganharam força com o movimento operário. Foi nesse período da história que os trabalhadores reivindicaram seus direitos e aprimoraram seus deveres, buscando melhores condições de vida.

No Brasil, a Economia Solidária pode se enxergada nas cooperativas espalhadas pelo país. Nesses locais, o modelo mais acabado de autogestão e de solidariedade econômica é visto nos projetos que essas instituições desenvolvem, sendo a base de um sistema adequado para atender aos interesses dos trabalhadores (CULTI, 2008).

A Economia Solidária é um fenômeno novo ainda, que caminha em passos curtos, várias áreas são possíveis localizar experiência e são pautadas por princípios de autogestão, democracia, igualitarismo, cooperação no trabalho e autogestão, mesmo que o movimento da Economia Solidária, seja um movimento recente, ele vem crescendo de forma simultânea, devido ao elevado índice de desemprego que assola os trabalhadores brasileiros principalmente aqueles que se encontram a margem da sociedade, e por muitas vezes estão sujeitos a trabalhos que privam seus direitos. - Empreendimento Econômico Solidário (EES): unidade mais simples e concreta da Economia Solidária, coerente com as suas características essenciais. São caracterizadas como organizações:

- coletivas - associações, cooperativas, empresas autogestionárias, grupos de produção, clubes de trocas, redes etc.;
- cujos participantes ou sócios (as) são trabalhadores (as) dos meios urbano e rural que exercem coletivamente a gestão das atividades, assim como a alocação dos resultados;
- permanentes, incluindo os empreendimentos que estão em funcionamento e aqueles que estão em processo de implantação, com o grupo de participantes constituído e as atividades econômicas definidas;
- que disponham ou não de registro legal.
- que realizam atividades econômicas de produção de bens, de prestação de serviços, de fundos de crédito, de comercialização e de consumo solidário. - Entidades de Apoio, Assessoria e Fomento à Economia Solidária (EAF): organizações públicas e privadas sem fins lucrativos que desenvolvem ações nas várias modalidades de apoio direto, capacitação, assessoria, incubação, assistência técnica e de acompanhamento junto aos Empreendimentos

de Economia Solidária. - Políticas Públicas de Economia Solidária (PPES): ações, projetos ou programas que são desenvolvidos ou realizados por órgãos da administração direta e indireta das esferas municipal, estadual ou federal com o objetivo de fortalecimento da economia solidária.

A Economia Solidária vem para mobilizar os jovens e adultos a se envolverem em uma nova visão econômica, que atenda todos envolvidos numa educação coletiva, tendo como principal desafio transformar a realidade social, cultural, política e econômica de uma sociedade marcada pelo estigma escravocrata e pela servil subordinação ao mercado de trabalho injusto.

De acordo com Singer (2005) a Economia Solidária pode funcionar como ato pedagógico que abrange várias formas de conhecimentos para atender uma demanda que precisa conciliar trabalho árduo com a busca de novas informações para melhoria de vida. A Economia Solidária alcança público de várias comunidades, principalmente jovens e adultos que precisam de um trabalho e também aqueles interessados ao retorno à escola. É através dessa nova economia que institui novos sujeitos no mundo do trabalho, nas estratégias de classe e nas lutas da cidadania, em resposta a anseios de bem-estar, reconhecimento e vida significativa (SANTOS, 2010).

A Economia Solidária também diz respeito a outro grande problema moderno, aliada a crescente percepção por parte das sociedades e governos da insustentabilidade do padrão de consumo dos países ricos: a degradação ambiental, que se traduz, entre muitos outros danos, na poluição dos recursos naturais, destruição de ecossistemas locais e alteração do clima global, ampliando seus conceitos e se envolvendo todos que se disponibilizam a pensar numa sustentabilidade eficiente, que seja crescente tanto no meio ambiente quanto no meio social e econômico.

O processo de busca de novos modelos de desenvolvimento econômico e social, processo no qual se apresentava a cooperativa, evoluiu e surge, na década de 1970, a teoria endogenista, que se propunha a verificar a problemática dos desequilíbrios econômicos regionais da base para o topo, através das instituições e de novos fatores de produção tais como o capital humano e o capital social. Entendia-se que tais capitais poderiam ser estrategicamente gerenciados do local para o global (MORAES, 2003). Assim, é com base no fator de produção do capital social que se tem estudado a importância da comunidade, das relações sociais e da capacidade de cooperação de seus atores para o processo de desenvolvimento, mas pouco se tem discutido o papel das cooperativas nesse contexto.

Apresentar características técnicas sobre o funcionamento de uma cooperativa da atividade dos equipamentos, processo produtivo, equipamentos de proteção, saúde do trabalhador. Se possível, usar bibliografia técnica para consulta. O objetivo é que cada sócio trabalhador compreenda cada processo de trabalho, em termos teóricos e na prática, utilizando dos procedimentos de trabalho na produção ou na prestação de serviços.

Mais do que não se colocar como alternativa ao capitalismo, a economia solidária atua como uma das formas de organização de trabalho diferenciadas que contribuem para a sua reprodução. Em tempos de acumulação flexível do trabalho, cooperativas ou empreendimentos econômicos solidários podem ser funcionais ao atuar como terceiras ou se inserirem em uma cadeia produtiva. Participam ativamente, portanto, do processo de reprodução do capital (CASTRO, 2009).

Proporciona-se assim o incentivo ao conhecimento de organizações que já praticam atividades semelhantes estimulando o aprendizado e a visão crítica sobre a organização do trabalho e a democracia interna, entre outros pontos (CUITI 2007).

Há vários pensamentos que envolvem uma cooperativa e seus objetivos onde para Franke (1983) a cooperativa é uma entidade orgânica, de natureza empresarial, constituída pelos cooperados para que, através dela, num regime de entre ajuda possam realizar aquelas funções de mercado que eles, isoladamente, não seriam capazes de realizar ou, então, somente realizariam de modo menos vantajoso.

O décimo Congresso Brasileiro de Cooperativismo, realizado em Brasília em 1988, preocupado em unificar o pensamento dos cooperativistas brasileiros, assim definiu a cooperativa: A cooperativa é uma sociedade de pessoas, de natureza civil, unidas pela cooperação e ajuda mútua, gerida de forma democrática e participativa, com objetivos econômicos e sociais comuns e cujos aspectos legais e doutrinários são distintos de outras sociedades. Fundamenta-se na economia solidária e se propõe obter um desempenho eficiente, através da qualidade e da confiabilidade dos serviços que presta a seus próprios associados e seus usuários (ORGANIZAÇÃO..., 2008).

Então Franke (1983) diz que a cooperativa é um regime de igualdade entre a contribuição social e econômica para com seus cooperados, ressaltando a necessidade de que as duas posições, tanto a social como a econômica, devem andar juntas para caracterizá-la como uma cooperativa. É através desse regime de trabalho em grupo que as cooperativas se mostram como bases para o desenvolvimento de projetos no âmbito da Economia Solidária, onde são pregados os princípios de cooperação, solidariedade, autogestão e democracia.

Mas nem sempre as cooperativas conseguem o êxito em seus projetos econômicos solidários, seja por falta de informação ou até mesmo por lhe faltarem experiência. É através dessa necessidade que as Incubadoras Universitárias de Empreendimentos Econômicos Solidários entram em ação e assim as cooperativas terão acesso através das Incubadoras de Empreendimentos Econômicos Solidários, a conhecimentos científicos e novas técnicas, que irão viabilizar novas formas de trabalho e que os cooperados possam se apropriar desse novo conhecimento podendo aplicar em seu dia a dia e em seu empreendimento.

Eid (2008) coloca a Incubadora como um espaço importante para que se desenvolvam pesquisas teóricas e empíricas sobre a Economia Solidária, cuja ação política pode voltar-se a atender a uma classe social desprovida dos meios de produção e realimentar a construção do conhecimento através da prática. Com os cursos de formação oferecidos pelas incubadoras nasce uma nova forma de inserção de jovens e adultos em uma educação não formal, que vincula um aprender para o trabalho bem como introdução ao desenvolvimento para uma Economia Solidária, dessa forma atender o público da EJA, que necessita de metodologias diferenciadas, buscando o saber do aluno e suas pretensões para futuro.

A metodologia adotada pelas Incubadoras é bem diferenciada dos demais órgãos de assistência, começa com o processo de incubação que abrange três fases que se complementam: pré incubação (realização de diagnósticos participativos e apresentação da EcoSol e IESol), incubação (formações, assessorias) e graduação (autonomia do EES). É importante notar que esta metodologia não segue um padrão único e fechado, capaz de ser reaplicável a qualquer realidade. Ao contrário, uma de suas maiores riquezas, que converte-se também em desafio, é a capacidade de planejar, executar e avaliar planos de incubação distintos para os diferentes Empreendimentos Econômicos Solidários (BRASILIS, F. *et al.* 2015).

Ferramentas pedagógicas: palestras, reuniões em círculo e oficinas de trabalho específicas para cada etapa do processo produtivo através de simulações de processos, visitas a empreendimentos econômicos solidários, de preferência similares, são ações que as Incubadoras oferecem para aquela instituição que queria desenvolver um trabalho abrangendo de todas as formas a Economia Solidária.

Além de simples geradores de trabalho e renda, os modelos de ES realizados pelas incubadoras idealizam novas formas de convivência e de organização comunitária. Seus autores defendem o potencial que pode ser obtido a partir das suas relações baseadas na solidariedade e na equidade, em vez da competição e do individualismo (BORINELLI E SANTOS, 2010). Esse novo modelo de economia tem como propósito, encaixar aquelas

peças que não tiveram oportunidade de adquirir uma educação no tempo normal e/ou tiveram que abandonar a escola para poder se dedicar a um trabalho precário. Essa nova economia é pautada em princípios que valorizam o ser humano através da:

- **Cooperação:** envolve diversos tipos de organização coletiva, como empresas autogestionárias ou recuperadas (assumida por trabalhadores); associações comunitárias de produção; redes de produção, comercialização e consumo; grupos informais produtivos de segmentos específicos (mulheres, jovens etc.); clubes de trocas etc.;
- **Autogestão:** práticas participativas de autogestão dos processos de trabalho. Sendo que os apoios externos, de assistência técnica e gerencial, de capacitação e assessoria, não devem substituir nem impedir o protagonismo dos trabalhadores;
- **Dimensão Econômica:** envolve o conjunto de elementos de viabilidade econômica, permeados por critérios de eficácia e efetividade, ao lado dos aspectos culturais, ambientais e sociais;
- **Solidariedade:** exposto, por exemplo, na justa distribuição dos resultados alcançados, nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e da melhoria das condições de vida dos participantes, no compromisso com um meio ambiente saudável e na preocupação com o bem estar dos trabalhadores e consumidores.

As Incubadoras propiciam um campo favorável de contato com a realidade, democratizando o conhecimento e colocando a teoria à prova. A formação não é mais somente dentro da sala de aula, mas sim no campo, onde alunos põem as ideias em prática e aprendem a pensar: o aprender fazendo. As Incubadoras atendem a casos reais, a uma demanda emergencial, conseqüentes da economia atual de marginalização, procuram soluções concretas para a realidade, legitimando, desse modo, o papel da extensão dentro das Universidades.

2.3 Breve relato histórico da Cooperativa Agropecuária Cacho de ouro Coopercacho.

A criação da cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro Coopercacho teve início em 2002, com o senhor Sebastião Marcelino e alguns agricultores familiares, vendo o grande potencial existente na região e uma produção significativa passando pelas mãos dos atravessadores, deu início a uma discussão para implantação de uma cooperativa, que teria como objetivo melhorar a comercialização e a produção desses agricultores que era bem diversa sendo: fruticultura, horticultura, caprinovinocultura, avicultura, apicultura e piscicultura. Os diálogos se estenderam até 2004, mas foi somente em 2008 que alguns representantes e defensores da Economia Solidária apresentaram a proposta da criação da cooperativa dentro do fórum Potiguar de Economia Solidária.

Em 2010 ingressa mais um nome forte, o senhor Expedito Alexandre, que fortaleceu mais ainda a ideia para criação de uma cooperativa que abrangesse, à princípio, os municípios de Jaçanã e Coronel Ezequiel, ambos situados no estado do Rio Grande do Norte, e em 2011 funda-se a cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro Coopercacho com 23 cooperados na época.

Nos primeiros anos, a cooperativa sofreu com a descrença por parte dos produtores rurais, grande burocracia administrativa enfrentada e ainda os atravessadores de produtos.

Houve um avanço notável no desenvolvimento da cooperativa. Hoje são 61 cooperados formados por jovens, mulheres e homens, que fornecem seus produtos para a cooperativa. Junto com outros órgãos, a cooperativa oferece cursos de capacitação para seus cooperados. A coopercacho atua no Curimataú Paraibano e Trairi Potiguar. Ao longo de sua trajetória, as conquistas foram aparecendo. A cooperativa tem uma cadeira no Conselho Nacional de Economia Solidária (CNES), Conselho Estadual de Economia Solidária (CEES), Executiva de Núcleo Diretivo do Colegiado do Território, Secretaria de cursos e capacitação UNICAFES-RN, executiva do fórum Potiguar de Economia Solidária e na rede estadual dos Colegiados Territoriais. A coopercacho foi homenageada pela câmara de vereadores de Natal, como empreendimento destaque no seguimento agrícola. Recebeu também um prêmio de Boas Práticas em Economia Solidária, oferecido pelo Banco Nacional de Desenvolvimento - BNDES.

3 - METODOLOGIA

3.1- Público Alvo

Os caprinocultores inseridos na cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro, localizada no município de Jaçanã RN, foram fonte de investigação para o estudo, bem como a Incubadora INCOSOL-CES/UFCG, através dos processos de formação de empreendimentos econômicos solidários.

3.2 Métodos Utilizados

De início, foi feito um breve diagnóstico administrativo sobre a Cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro com o presidente atual e o ex-presidente da cooperativa. Logo após procedemos visitas em cada um dos empreendimentos, a fim de conhecer a realidade do trabalho, na prática da economia solidária e selecionar o público da pesquisa.

Esse trabalho apresenta como percurso metodológico a pesquisa exploratória em campo, bem como a utilização de questionários e uma entrevista. Antes da coleta dos dados foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi devidamente assinado por todos participantes da pesquisa.

Essa pesquisa foi de caráter qualitativo/descritivo, pois segundo Figueredo e Souza (2011), a observação e informações dedutivas, das relações interpessoais é que classificado como caráter qualitativo/descritivo, o entendimento, a interpretação, e a compreensão sobre práticas educativas no trabalho associado de acordo com a perspectiva dos sujeitos/participantes do estudo são de fato analisadas com eficiência. Nesse sentido, Godoy (1995) afirma que um fenômeno pode ser mais bem compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada.

Ao final ocorreu um momento de formação para os caprinocultores e ovinocultores sobre Economia Solidária realizado pela Incubadora INCOSOL-CES/UFCG.

4- RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Ações desenvolvidas pela Incubadora.

A princípio, ocorreu uma reunião no mês de março de 2016, na rede da Cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro, contando com a presença da Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários INCOSOL-CES/UFCG, associações e cooperados. Esse primeiro contato com os cooperados teve como objetivo apresentar a Incubadora e seus projetos, bem como ouvir as dificuldades enfrentadas pela cooperativa e seus cooperados.

A fim de conhecer os empreendimentos, bem como selecionar o público alvo, foram realizadas visitas em propriedades localizadas em municípios da Paraíba e Rio Grande do Norte. Na Paraíba foi visitado o sítio Retiro, localizado no município de Nova Floresta, com três produtores. No Rio Grande do Norte, foram visitadas propriedades em dois municípios, Jaçanã e Coronel Ezequiel, no primeiro foram visitadas propriedades do sítio flores que apresentou 4 produtores, sítio Chã de Bulandeira com 2 produtores e sítio boca da mata com 4 produtores. No segundo foram visitados o sítio Gurjaú com 3 produtores e sítio tronco com 2 produtores

Nesse primeiro momento de interação com os produtores, pôde-se perceber a desconfiança devido a outras instituições já terem feito projetos em suas propriedades. Porém, todos nos receberam com muita educação.

Em um breve diálogo com os produtores percebeu-se um grande conhecimento a cerca da Educação popular, bem como em seus empreendimentos. A partir desses diálogos que a incubadora estabelece um processo de construção de um novo projeto com os trabalhadores diretamente envolvidos no processo de criação e desenvolvimento de cada empreendimento solidário. Percebemos que as necessidades dos produtores estão bem explícitas e é a partir dessas dificuldades que a incubadora se inseri no ambiente dos produtores, vivenciando de perto seus sucessos e fracassos, suas necessidades e experiências. Esse procedimento significa que a incubadora tem que se colocar no lugar do grupo, ao mesmo tempo em que se tornam compreensíveis para os trabalhadores os princípios da economia solidária. (CUILT, 2007).

Descrição da Atividade

As primeiras visitas foram às propriedades do sítio Flores, sítio Chã da Bulandeira e sítio Boca da Mata jaçanã RN, sítio Gurjaú e sítio Tronco Coronel Ezequiel RN, ambas

realizadas no período de dois dias (25 e 26) pela manhã no mês de maio do ano 2016. E uma última visita no dia 22 de julho de 2016 no sítio Retiro PB também no período da manhã. Foram no total: dezoito propriedades visitadas, fomos a cada propriedade no horário de trabalho onde fosse possível encontra os caprinocultores e ovinocultores no local de trabalho.

As dez primeiras visitas nas propriedades do sítio Flores, Chã da Bulandeira e Boca da Mata aos criadores foram acompanhadas por um funcionário da secretaria de agricultura da cidade de Jaçanã/RN e as demais nos sítios Gurjaú e Tronco, foram acompanhadas por membros da Incubadora. Nessas visitas procedemos a uma conversa informal (figura 1) com os produtores, onde podemos constatar suas experiências de vida como criadores de caprinos e ovinos. Deixamo-los bem a vontade para falar de sua criação, como era realizado o manejo e como eles conseguiram chegar onde estão hoje. As conversas foram riquíssimas, pois foram nesses momentos que eles relataram todos seus anseios, suas frustrações e seus planos para o futuro de seu empreendimento.

No dia 27 de julho de 2016 houve mais visitas, nessa ocasião foram revisitadas todas as propriedades citadas acima, com acompanhamento do presidente da Cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro, a coordenadora da Incubadora INCOSOL-CES/UFCG e pós graduandos da especialização EJA-ECOSOL, os objetivos dessas visitas foram: conhecer como os caprinocultores se formaram e se capacitaram para começar essa atividade, como eles desenvolvem seus trabalhos em sua propriedade, bem como selecionar o público alvo da pesquisa, percebendo quais deles tinham interesse de participar.

Figura 1: Conversas informais com Produtores Rurais



Fonte: Arquivo pessoal

Ao longo das visitas e das conversas constatou-se que a maioria dos produtores não sabiam o que é Economia Solidária, nem tinham conhecimento dos seus princípios e os poucos que sabia não conseguiram explicar como essa economia funciona.

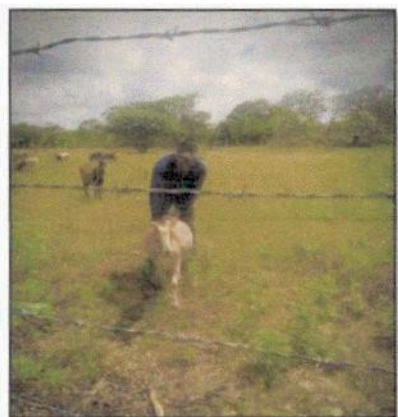
Tabela 1: Conhecimento Economia Solidária

ECONOMIA SOLIDÁRIA	
Sim, sabe explicar.	2%
Sim, não sabe explicar.	25%
Nunca ouviu falar.	73%

Fonte: Elaborado pela autora

Podemos perceber que 73% dos produtores nunca ouviram falar em economia Solidária (tabela 1). Isso ocorre devido a Economia Solidária ser relativamente nova e também pelas práticas que a envolvem, pois as mudanças de valores e cultura estão ligadas diretamente e assim fica muito difícil para uma instituição inserir essa nova Economia sem pedagogias adequadas.

Figura 1: Visitas aos Produtores Rurais



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 2: Propriedade Sítio Flores



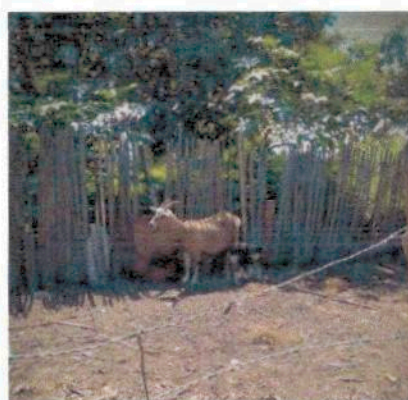
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 3: Propriedade Sítio Boca da Mata



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 4: Propriedade Sítio Flores



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 5: Propriedade Sítio Boca da Mata



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 6: Propriedade Sítio Flores



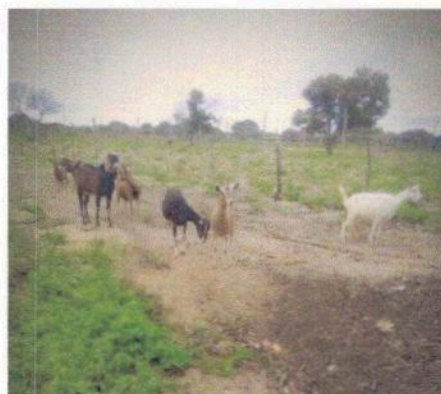
Fonte: Arquivo pessoal

Figura 7: Propriedade Sítio Boca da Mata



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 8: Propriedade Chã da Bulandeira



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 9: Propriedade Sítio Flores



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 10: Propriedade Chã da Bulandeira



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 11: Propriedade Sítio Flores



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 12: Palmas



Fonte: Arquivo pessoal

Ao longo das visitas percebemos que além de caprinos e ovinos os produtores têm nas suas propriedades várias criações e culturas diversas, onde se destaca a criação de suínos (figura 14), bovinos (figura 15) e aves (figura 16).

Figura 13: Suínos



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 14: Bovinos



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 15: Aves

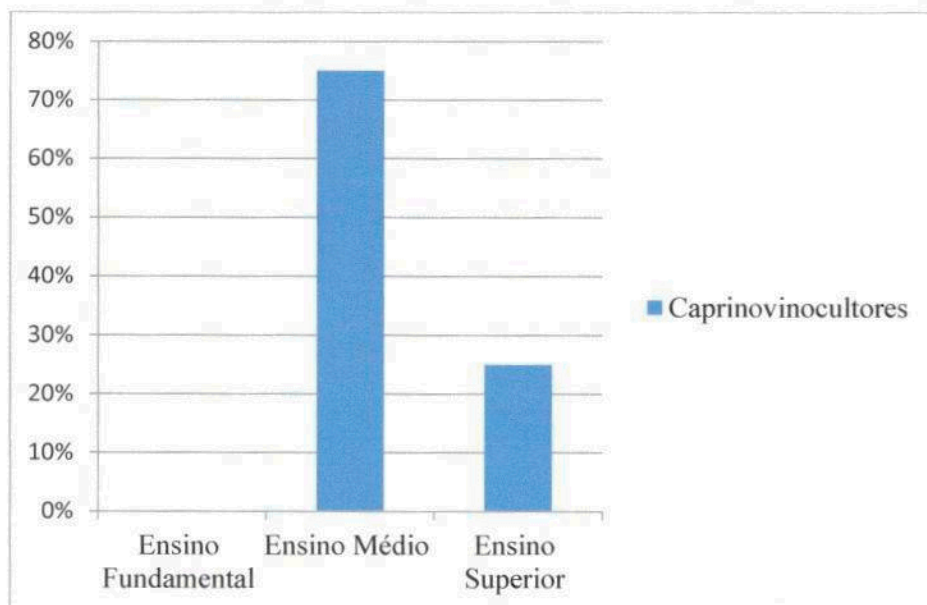


Fonte: Arquivo pessoal.

Depois das visitas, foram selecionados dez produtores para participar da pesquisa esses criadores foram selecionados a partir de três critérios: primeiro ser caprinocultor e ovinocultor: segundo demonstrar interesse em participar do projeto de pesquisa frequentando os cursos oferecidos e terceiro ter algum vínculo com a Cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro. Após ocorrida a seleção, foi aplicado um questionário com três perguntas aos produtores selecionados para pesquisa.

No gráfico fica bem claro que as pessoas envolvidas nesse processo são bem instruídas (figura 17) em relação a escolaridade, sendo que 75% dos caprinovinocultores possuem ensino médio. Essa característica nos facilitou a execução das atividades, devido a maioria possuir esse grau de instrução mais elevado e ser um grupo bem informado quanto seus objetivos e seus deveres.

Figura 16: Grau de instrução dos produtores

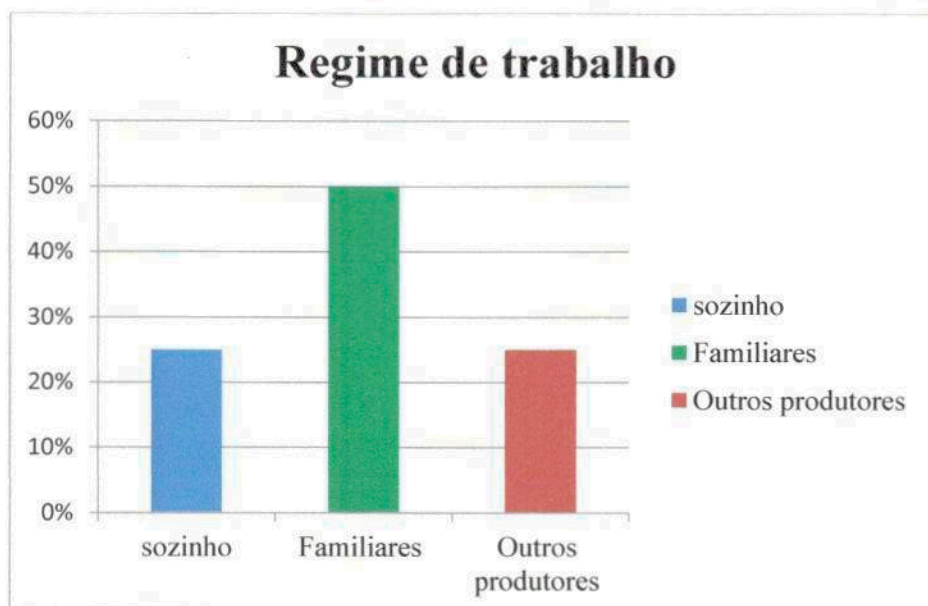


Fonte: Elaborado pela autora

O regime de trabalho dos caprinovinocultores é distribuído principalmente entre os familiares (figura 18), onde cerca de 50% dos produtores desenvolvem suas atividades com a ajuda da família, sendo esposas, pais e filhos os que mais participam do empreendimento. 25% dos produtores trabalham em parceria com outros produtores. Nesse caso, o trabalho é dividido entre eles e os benefícios também.

Por outro lado, 25% dos produtores trabalham sozinhos, isso ocorre porque o regime de trabalho em grupo ainda não foi implantado na região e muito dos produtores não confiam e nem se sentem à vontade para realizar trabalho em grupo. O trabalho, mais que mera atividade de subsistência, pode ser considerado um importante meio de se conceder sentido à vida das pessoas, conferindo-lhes identidade e reconhecimento (ARAÚJO, SACHUK, 2007; ARDICHVILI, KUCHINKE, 2009). E por muitas vezes esse sentido se perde em meios às diferenças de cada um.

Figura 17: Regime de trabalho dos produtores



Fonte: Elaborado pela autora.

No questionário perguntamos como eles conheceram a incubadora e 100% dos produtores afirmaram que foi através de outras pessoas. Isso mostra o quanto é preciso que as informações sejam mais divulgadas dentro da cooperativa e também que haja mais participação dos cooperados nas ações da cooperativa.

4.1.2 Primeira Capacitação: Ensilagem e Fenação.

Após várias conversas informais com os produtores, percebeu-se um grande interesse destes em aprender a fazer ensilagem, devido, principalmente, ao alto preço da ração. Para atender essa demanda, buscamos parcerias com a APICONF (Associação de Caprinos de Nova Floresta), EMEPA (Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária), a cooperativa Coopercacho da cidade de Jaçanã RN e a Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários INCOSOL-CES /UFCG.

A primeira capacitação foi realizada na propriedade de um produtor no Sítio Retiro no Município de Nova Floresta - PB, com o tema “Conservação de forragem: Ensilagem, Fenação e palma.” Com objetivo realizar uma formação com os caprinocultores da região de Jaçanã (RN) e Nova Floresta (PB) proporcionando uma troca de conhecimentos que favoreceu a todos no processo de aprendizagem, bem como foi ofertado um curso diferenciado, onde a temática foi abordada de forma prática, levando em consideração o dia-a-dia laboral dos criadores.

Descrição da Atividade

O curso foi realizado na propriedade do senhor Josélio Soares de Oliveira, no dia 18 de agosto de 2016, onde foi oferecido um café da manhã aos participantes e depois se dirigiram para a propriedade, onde seria ministrada a capacitação. Os professores/ técnicos agrícolas que ministraram todo curso, os senhores Mario Damasceno e João Paulo Garcia, são funcionários da Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba EMEPA um órgão estadual que coordena pesquisas agrícolas por todo estado da Paraíba.

O primeiro momento da formação foi dirigido pelo senhor João Paulo Garcia, ele conduziu todos os participantes para um local e iniciou com uma oração. Após isso o professor sugeriu uma roda de conversa, para conhecer mais os participantes. Perguntou nome, atividade laboral e objetivos para vida no campo (figura 19). Todos falaram de onde vinham, porque estavam ali e o que pretendiam com a formação. Foi um momento bem dinâmico, onde os alunos se conheceram melhor. Em seguida, o professor falou sobre o objetivo do curso, a valorização do homem e mostrou como a atividade laboral objeto da formação pode ser alto sustentável, usando recursos da própria terra e adequando à realidade local (figura 20).

Figura 19: Apresentação



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 20: Explorando a palma



Fonte: Arquivo pessoal

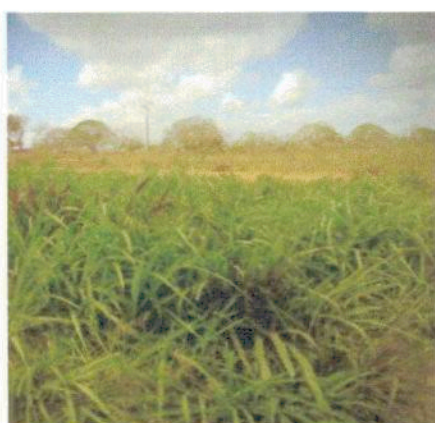
Foram convidados para ir até um plantio de palma dentro da propriedade (figura 20). Chegando ao local, os alunos começaram a discutir sobre a plantação de palma na região e foi nesse momento que a discussão foi direcionada para os pontos positivos encontrados na propriedade. Ele começou a falar sobre como se deve plantar a palma, respeitando a distância

entre uma folha e outra. Apontou também a variedade de espécies existente no local, o que possibilita uma variedade na composição da ração, e ainda indicou a espécie de palma que mais fornece nutrientes na ração para os animais. Os alunos interagem a todo o momento com perguntas e experiências em suas propriedades e o professor bem sucintamente foi colocando os pontos negativos encontrados. Falou da irrigação adequada e do controle de pragas, sempre demonstrando que todos podem fazer corretamente.

O professor Marcondes explanou, então, sobre os princípios da Economia Solidária, começando com a importância do trabalho em grupo. Destacou também como funcionam as políticas públicas e como seria bom trabalhar um dia dessa nova forma, sempre valorizando o homem do campo, e finalizou sua fala mostrando a todos presentes como a autogestão é importante para os empreendimentos.

Depois de muito diálogo, os participantes se dirigiram para outro local, a fim de discutir sobre o capim (figura 21). Todos constataram que podem fazer uso do capim de maneira adequada e também acrescentar esse alimento na ração dos seus animais. O professor explicou a variedade de espécies que existem e cada um dos alunos falou de sua variedade na propriedade. Logo após, se deu início o processo de ensilagem (figura 22).

Figura 181: Capim Elefante



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 22: Processo de ensilagem



Fonte: Arquivo pessoal

O professor também mostrou outros equipamentos utilizados no processo de ensilagem. Explicitou ainda o acondicionamento por uso de um saco plástico de alta resistência (figura 23), e por fim explicou como fazer a vedação adequada dos recipientes. (figura 24).

Figura 23: Saco utilizado para ensilagem



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 24: Vedação do produto



Fonte: Arquivo pessoal

O segundo momento do curso foi conduzido pelo professor / técnico Agrícola Mario Damasceno (figura 25). Antes de iniciar a atividade o professor fez a seguinte pergunta: “Quais os materiais que vocês usam para fazer silagem e fenação?”. Todos responderam bem animados e foi a partir daí que o professor iniciou seu trabalho, mostrando como seria o material adequado e valorizando o saber do produtor. Dessa forma, o professor deixou claro que eles estavam acertando sobre alguns aspectos e errando em outros. A matéria prima, o manejo e a conservação da ensilagem foram aqui temas abordados. E o mais importante foi que ficou explícito que todos os alunos poderiam usar os recursos da propriedade sem precisar recorrer a outros meios.

Então se deu início à atividade prática, onde todos participaram do processo de ensilagem. Esse momento foi muito gratificante, pois foi observada a interação entre os alunos, professor e conhecimento e cada um deles percebeu na prática alguns princípios da Economia Solidária, depois todos foram conduzidos para residência do senhor Josélio, onde foi oferecido um almoço e procedido o encerramento da capacitação (figura 26).

Figura25: Feno



Fonte: Arquivo pessoal

Figura26: Encerramento almoço



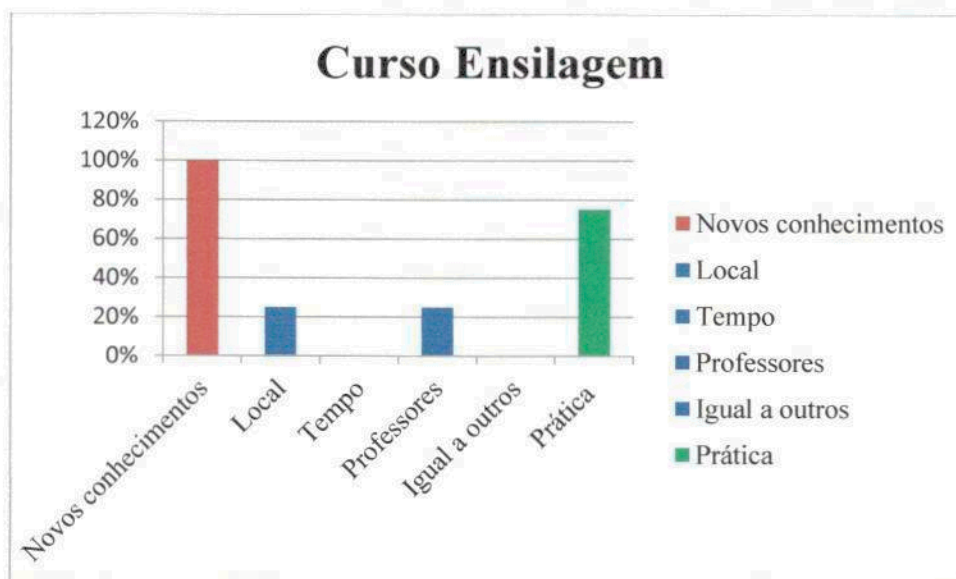
Fonte: Arquivo pessoal

Depois que ocorreu o curso, foi aplicado um questionário simples, com o propósito de avaliar os pontos positivos e negativos da capacitação. É importante salientar que apesar do curso ser uma escolha dos próprios produtores, muitos faltaram. A maioria alegou que “o horário era inviável” e outros disseram que tinham “outros compromissos”.

Podemos destacar no gráfico abaixo dois pontos positivos que geraram muita empolgação entre os produtores (figura 27): 100% enfatizaram a importância de adquirir os conhecimentos e 75% disseram que gostaram muito de fazer tudo na prática. A concepção metodológica das práticas educativas da educação popular se funda em um processo de construção do conhecimento que tem na prática o seu ponto de partida e de certa forma, também de chegada. É teorizar sobre a prática e voltar a ela para transformá-la (FREIRE e SHOR, 1986). A partir da transformação da teoria em prática, percebemos o processo de construção do conhecimento de cada um que estava participando do curso.

Quando perguntamos “**O que mais gostou no curso?**”, houve respostas diversas. Entre elas, o produtor destacou: “Gostei muito da participação dos produtores e o empenho dos professores e também a simplicidade de todos”. Outro respondeu “A pontualidade, o aperfeiçoamento das técnicas e a forma como foi explicado. Gostei. Foi muito simples e fácil de aprender”.

Figura27: Principais pontos do curso



4.1.3 Segunda capacitação sobre Caprinocultura: Alimentação e Manejo.

Essa capacitação reuniu vários caprinocultores da região e teve parceria com APICONF, EMEPA–PB, COOPERCACHO e a Incubadora INCOSOL. Ministrado pelo professor Jorge Luiz (EMEPA) e colaboração da professora Claudia Santos (INCOSOL).

A referida formação foi realizada na Câmara Municipal de Vereadores do município de Nova Floresta – PB, em 13 de outubro 2016. Neste evento compareceram apenas dois produtores integrantes da pesquisa. Por a alimentação dos animais serem financeiramente muito dispendiosa, muitos criadores pediram essa capacitação, para aprender a produzir a própria ração de maneira adequada. Contudo, a frequência das pessoas em participar dos cursos é um fato que compromete bastante as análises, pois nas formações poucos aparecem apesar de ser de interesse dos próprios.

Descrição da Atividade

No primeiro momento houve a apresentação do professor Jorge Luiz (figura 28), que falou um pouco sobre seu trabalho com alimentação animal bem como o objetivo do curso. Em seguida, a professora Claudia Santos se apresentou, mostrou um pouco do trabalho que a incubadora vem desenvolvendo na região e explicou sobre os princípios da Economia Solidária (figura 29).

Ao considerar o ser humano na sua integridade, como sujeitos e finalidade da economia, a Economia Solidária desenvolve as capacidades dos trabalhadores e trabalhadoras, valoriza o associativismo, o trabalho das mulheres e outros setores excluídos da sociedade, expressando um novo modelo de desenvolvimento sustentável e solidário, e é através dessa nova economia que se faz uma sociedade mais solidária e uma economia mais justa. (SENAES/MTE 2013)

Figura 2819: Apresentação do Conteúdo



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 29: Apresentação da Incubadora



Fonte: Arquivo pessoal

No segundo momento, o professor mostrou os tipos de rações mais nutritivas e a maneira certa de confeccionar a ração (figura 30), ressaltando sempre que todas as matérias primas são da região. Foram expostos vários banners sobre alimentação animal, com o intuito de melhorar o entendimento dos participantes (figura 31).

Além da alimentação, foram discutidos os temas “genética animal e manejo”. Foi a partir desse momento que os participantes puderam relatar sobre os aspectos de sua criação e também com se dava o manejo nas suas propriedades. Um dos produtores se expressou “Gosto muito de criar, eu mesmo tô achando muito bom e proveitoso esse curso, pois a ração tá muito cara e precisamos de outras opções para nossos animais e também precisamos de ajuda no campo”

Figura30: Ração prensada



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 20: Baners educativos



Fonte: Arquivo pessoal

Depois que os produtores se expressaram, o professor começou a falar sobre a valorização do homem do campo, descrevendo todas suas angústias e dificuldades e ao mesmo tempo enfatizando a importância de cada produtor na sociedade. “Não podemos baixar a cabeça. Devemos seguir em frente e nunca deixar ninguém dizer que somos fracos” (figura 33). O encerramento ocorreu com um almoço (figura 34).

Figura 21: Valorização do homem do campo



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 22: Almoço de encerramento



Fonte: Arquivo pessoal

Posteriormente, aplicamos um questionário bem sucinto, com apenas duas questões, pois apenas dois produtores, de dez caprinovinocultores que participaram dessa pesquisa, compareceram à formação.

Observamos logo após o curso os agricultores explanaram a cerca das potencialidades e fragilidades. Houve um ponto positivo no curso: o tema abordado. Porém, o local, a metodologia e o horário foram apontados como fragilidades para os produtores. É

preciso ofertar atividades de formação aos beneficiários considerando a pedagogia de autogestão e da educação popular, bem como viabilizar a participação efetiva dos beneficiários (SENAES/MTE 2013).

4.1.4 Terceira capacitação: Economia Solidária

Antes de aplicar essa capacitação, foi feita uma consulta aos produtores. Levantamos alguns questionamentos: **qual melhor local para realização do curso, qual melhor horário e qual o principal motivo para não comparecer ao curso**, foi pensado e organizado em parceria com a Cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro e a Incubadora INCOSOL-CES/UFCG.

Descrição da Atividade.

A capacitação ocorreu na propriedade da senhora Inácia Maria da Costa Silva, no sítio Chã da Bulandeira município de Jaçanã - Rio Grande do Norte, no dia 6 de Outubro de 2016, com duração de 4 horas. Foi ministrado pela professora Claudia Santos e o Professor Marcondes Carvalho, com o tema **Economia Solidária**.

À princípio, foi oferecido um café da manhã que iniciou as 09h(figura 34). Logo após o café, o professor Marcondes procedeu a mística, com músicas da região, em violão, para que os produtores ficassem mais à vontade. Depois todos se apresentaram e foi iniciada uma conversa informal, para que todos se conhecessem melhor. A professora Claudia começou explicando como funcionava a Incubadora e quais são os objetivos a serem alcançados ao longo do projeto (figura 35).

Figura 23: Café da manhã



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 3524: Apresentação



Fonte: Arquivo pessoal

Primeiro Momento: Economia Solidária.

Os produtores foram questionados a respeito do tema, **Economia Solidária**, abordado já em outros encontros e pouco se expressaram, pois sabemos que a única maneira de aprender a construir uma Economia Solidária é praticando-a (SINGER, 2005) a prática da Economia Solidária exige que as pessoas que foram formadas no capitalismo sejam reeducadas. Essa reeducação tem de ser coletiva, pois deve ser de todos que efetuam em conjunto a transição, de modo competitivo ao cooperativo de produção e distribuição. Essa reeducação coletiva representa um desafio pedagógico, pois se trata de passar a cada membro do grupo outra visão de como a economia de mercado pode funcionar e do relacionamento cooperativo entre os sócios, para que a Economia Solidária dê os resultados almejados. E ao longo as observações nos cursos e nas conversas informais percebe se que a Economia Solidária ainda não é consolidada entre os produtores.

Logo após várias discussões e questionamentos, a professora Claudia explicou como funcionava a Economia Solidária e quais eram as vantagens do trabalho em grupo, em seguida, o presidente da cooperativa Coopercacho, Edgar Pereira, falou sobre Economia Solidária, sua importância e as tecnologias sociais viáveis para nossa região. Também foram explanadas as dificuldades enfrentadas, entre as quais os entraves políticos como sendo a mais significativa e a falta de compromisso pela maioria dos cooperados nas reuniões. Corroborando com a fala de Edgar, o professor Marcondes deu exemplos de novas tecnologias sociais em outros estados. Um dos produtores falou sobre a importância das instituições estarem presentes no campo, conhecendo a realidade de cada produtor e assim poder entender de verdade quais as dificuldades (figura 36) e (figura 37).

Figura 36: Produtor



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 37: Produtor



Fonte: Arquivo pessoal

Segundo momento: Anseios potencialidades dos produtores.

Nesse momento foi passada a palavra para que os produtores se expressassem acerca de suas dificuldades e suas propostas. Um dos caprinovinocultores citou os vários projetos que ele já participou e como esses projetos não deram em nada, porque muitas das instituições não querem estar com o produtor no campo e por várias vezes só enganam o produtor. “Eu já fui muitas vezes enganado por propostas muito bonitas, cumpri todas as exigências e no fim quem saiu no lucro não fui eu, porque tem muita gente colhendo o fruto sem saber o que é plantar”.

Outro produtor falou “É preciso que as instituições estejam constantemente no campo e saibam quais são as potencialidades de cada região e o mais importante: que trabalhem a valorização do homem do campo e incentivem a produção sustentável”.

Foi questionado o trabalho em grupo para os produtores e a maioria se mostrou interessado, mas deixaram bem claro que tem que ser um grupo que realmente queira fazer o trabalho baseado na solidariedade e que tenham boas intenções.

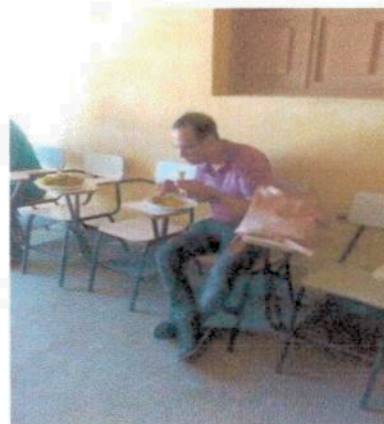
Por fim, foi discutido um pouco sobre a produção de cada um e a criação de um grupo que seja baseado nas práticas da Economia Solidária. Para encerrar, foi servido um almoço, com pratos típicos da região (figuras 38 e 39).

Figura 3826: Encerramento



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 39: Almoço



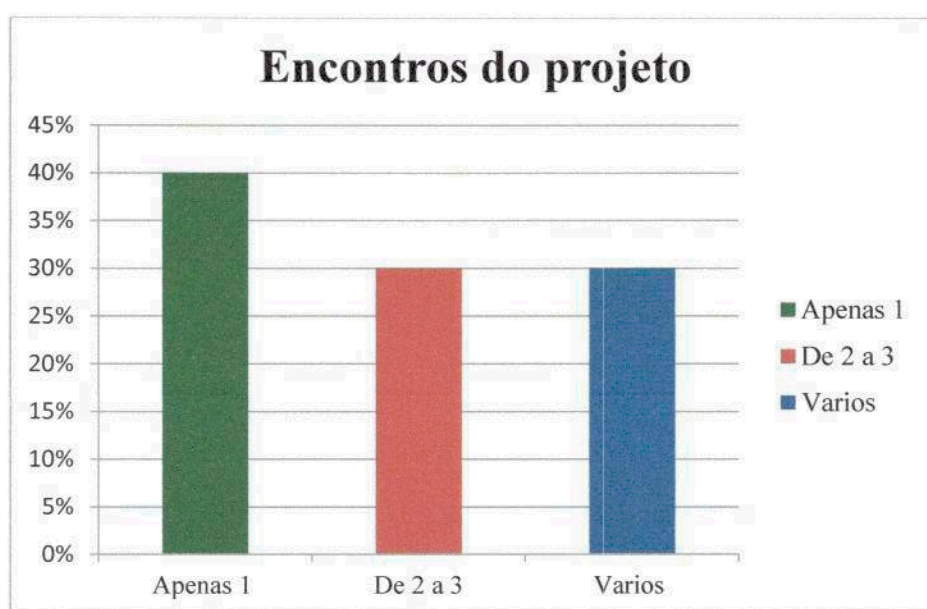
Fonte: Arquivo pessoal

Ao longo do trabalho de pesquisa foram apresentadas ações que incentivaram os produtores a desenvolver e conhecer a Economia Solidária, praticando alguns de seus

princípios nos cursos ofertados pela incubadora e suas parcerias. As capacitações desenvolvidas foram riquíssimas e todas atingiram seus objetivos, a primeira Ensilagem e fenação, foi para atender os anseios dos produtores em relação à falta constante de alimentos para o rebanho, a segunda, Confeção de ração, foi proposta pela APICONF – Associação de Caprinocultores de Nova Floresta-PB, mas foi bem aceita pelo grupo e desenvolvida com êxito e a última, Conhecendo a Economia Solidária foi pensada para consolidar a ideia de uma nova economia na vivência de cada produtor.

Na figura 40 vimos a frequência dos encontros do projeto de pesquisa foi bem variável, sendo que 40% dos produtores compareceram apenas um encontro, 30% foram até 3 encontros e os outros 30% compareceu a todos os encontros.

Figura40: Análises dos encontros do projeto de pesquisa

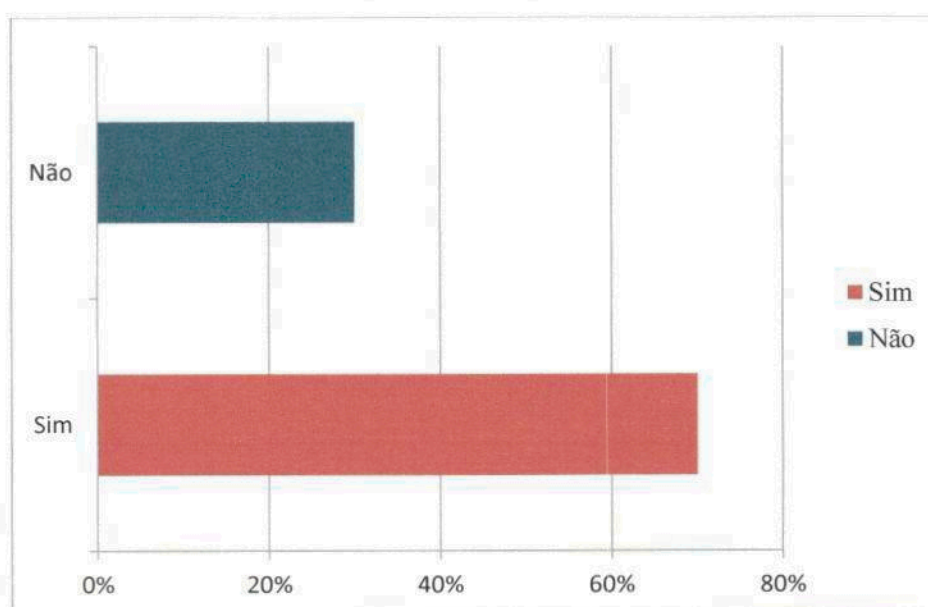


Fonte: Elaborado pela autora.

Pode se verificar que a frequência dos produtores nos encontros ainda não é satisfatória, isso reflete na grande desconfiança por parte dos produtores, pois a maioria não acredita nessa nova economia, devido à vivência capitalista enraizada em suas práticas. Porém sabemos que o processo de reeducação para uma Economia Solidária caminha a passos lentos e aos poucos os resultados vão aparecendo e que haja um trabalho contínuo na prática da democracia, cooperação, solidariedade e valorização do homem.

Nas capacitações feitas ao longo da pesquisa, foi dialogado com os produtores a possibilidade da participação dos mesmos em um projeto de parceria Incubadora e Cooperativa, explicitamos os objetivos dessa parceria e como seria sua atuação dentro das ações apresentadas. Ao final dos cursos de formação vimos que os produtores têm vontade de participar do projeto exposto nas capacitações (figura 41) 70% deles responderam “sim” e isso reflete o desejo, mesmo que seja apenas inicial em se inserir em uma nova economia. E 30% não estão interessados em participar.

Figura 41: Produtores que querem participar do projeto.



Fonte: Elaborado pela autora.

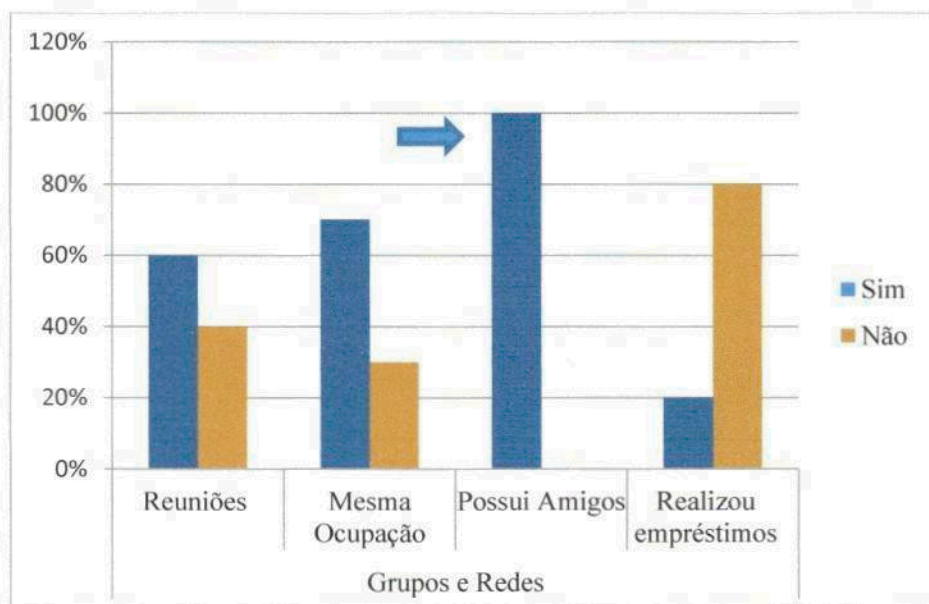
Ao serem analisados alguns pontos dos produtores: **frequência nas reuniões, possui a mesma ocupação, se possui amigos dentro da cooperativa e se já realizou empréstimos.**

Foram obtidos os seguintes resultados: 60% dos produtores são frequentes e 40% não comparecem regularmente nas reuniões. Em relação ao trabalho desenvolvido por cada produtor foi constatado que 75% dos produtores não possuem a mesma ocupação, a maioria trabalha com culturas diversas, onde destaca-se a criação de caprinos, ovinos, bovinos, suínos e a produção de hortaliças e palmas. Quando se perguntou se tinha amigos dentro da cooperativa, 100% dos produtores respondeu que sim, isso mostra que todos se conhecem e tem um bom relacionamento entre eles.

Em relação à obtenção de financiamentos bancários os caprinocultores e ovinocultores ainda são receosos, apenas 20% dos produtores já realizaram algum tipo de

empréstimo e 80% ainda não recorreram a essa estratégia de incentivo, que os bancos oferecem. Nas conversas informais foi percebido que a grande maioria dos agricultores tem uma renda muito variável e ainda não existe um planejamento estratégico na área financeira (figura 42).

Figura 42: Análises grupos e redes



Fonte: Elaborado pela autora

Podemos observar na tabela 2 que 60% dos entrevistados não confiam nas pessoas. Isso mostra que, apesar de todos serem amigos, as experiências vividas fazem com que a desconfiança aumente cada vez mais.

Tabela 2: Confiança e Solidariedade

CONFIANÇA E SOLIDARIEDADE		
	Sim	Não
Confiar nas pessoas	40%	60%
A cooperativa lhe ajuda?	50%	50%
Vantagens sobre você?	50%	50%

Fonte: Elaborado pela autora.

Foi também perguntado se os cooperados participaram de reuniões neste último ano. Do total de entrevistados, 60% responderam que sim e 40% responderam que não. Isso mostra que quase a maioria dos produtores não é atuante nos processos informativos da cooperativa

bem como na fiscalização da mesma, pois vemos que participação efetiva dos produtores não acontece quando solicitados para reuniões.

Quando perguntamos “**As pessoas com quem você trabalha são diferentes de você?**”, 70% respondeu que são pouco diferentes e a maioria disse que essas poucas diferenças não atrapalham o desenvolvimento do trabalho. As vezes até ajudam para adquirir novas informações (tabela 3).

Tabela 3: Coesão e inclusão social

COESÃO E INCLUSÃO SOCIAL	
Pouco diferentes	70%
São iguais	20%
Muito diferente	10%
Extremamente	0%

Fonte: Elaborado pelo autor

Um dos pontos mais discutidos entre os caprinovinocultores é a questão da autoridade e a efetiva participação dos membros. Na tabela 4 vimos que no grupo, cerca de 40% dos produtores responderam sim, que se sentem à vontade para expressar suas opiniões e sugestões, quando são necessárias; 40% responderam que não, ainda disseram que muitas vezes se sentem excluídos e apenas 20% não quiseram opinar a respeito. Podemos analisar que mais da metade dos produtores não participam e nem se sentem parte do grupo da cooperativa.

Tabela 4: Autoridade

AUTORIDADE	
Você se sente a vontade para expressar sua opinião no grupo?	
Sim	40%
Não	40%
Nada a declarar	20%

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2 Análises e transcrições das Entrevistas

Foram entrevistados três produtores diferentes, a escolha dessa entrevista deu-se pela frequência dos mesmos nas ações promovidas pela incubadora e suas parcerias. Indagamos os seguintes questionamentos

1. O senhor (a) já teve algum acompanhamento por técnicos na área em que trabalha em sua propriedade? Você acha importante esse acompanhamento?

Teve sim pessoas aqui que me deram algumas dicas e informações, não sei ao certo, mas acho que pessoas ligadas à prefeitura e SEBRAE, inclusive de Capri feira, e me deram algumas orientações sim... Foi uma visita relâmpago só vii que eu criava e me deram algumas dicas e foram embora, mas achei muito importante, pois essas pessoas me ensinaram muito sobre a criação de cabras.

Acho muito importante esse acompanhamento desde que seja constante, e espero que as ações da incubadora não seja só mais uma. Nossa criação está passando por uma fase de adaptação no rebanho, hoje temos a raça SANER E DOGER e ainda tem muitos criadores leigos a respeito da criação. E!

Quando o entrevistado diz que precisa de um acompanhamento constante, a incubadora entra nessa lacuna deixada por outras instituições para desenvolver um trabalho diferenciado promovendo nossos conceitos e práticas relacionadas ao trabalho associado, à cooperação e à solidariedade (SENAR /TEM 2013).

A gente tem ao decorrer desses dez doze anos que vem intensificando nosso trabalho, agente recebeu uma assistência muito boa por parte do SEBRAE SENAR e EMEPA, eles vem sempre fazendo trabalho melhorando manejo sanidade. Principalmente a EMEPA que tem o manejo da propriedade do governo e eles sempre estão a disposição sempre que temos um duvida a gente liga para o veterinário e ele atende super bem. Esse acompanhamento é muito importante, pois a gente que vive na propriedade não tem muito

tempo de ta buscando novos conhecimentos e essas pessoas que nos ajudam muito principalmente esses órgãos que trabalham com pesquisa, que trazem o resultado da pesquisa para dentro do campo E2.

O entrevistado destaca a importância do processo de formação do conhecimento quando ele fala dos órgãos que trabalham com pesquisa. Isso significa o reconhecimento do saber científico e dessa forma fica mais fácil a inserção de novos conceitos, bem como uma nova economia baseada em solidariedade.

A gente teve uma assistência técnica do SEBRAE e SENAR, é muito importante esse acompanhamento porque nos dá mais segurança e informações no trabalho. E espero que esse trabalho com incubadora vá pra frente E3.

Apesar das ações desenvolvidas pela da incubadora e suas parcerias, é visível a desconfiança dos produtores, pois a maioria são personagens de um sistema capitalista que os oprimi, os inibi e visa incansavelmente à busca por lucro, esquecendo por muitas vezes a valorização do homem e do seu trabalho. Quando o entrevistado 3 diz “*espero que esse trabalho com a incubadora vá pra frente*” reflete diretamente na vivência dos mesmos, onde a prática de outras instituições não atenderam os anseios de forma satisfatória.

2. As capacitações promovidas pela incubadora que o senhor (a) participou lhe ajudou de alguma forma para o desenvolvimento do seu empreendimento (no trabalho que o senhor (a) realiza na sua propriedade)?

Ajudou-me sim, eu já participei de vários cursos e também fazendo visitas a outros criadores e lá eu aprendi principalmente curso que nos fizemos respeito de manuseio de rações esses cursos me ensinaram bastante ate em tão eu era completamente leigo no assunto. E1

É de suma importância atender os anseios e desenvolver atividades voltadas ao diagnóstico, definição de oferta e mobilização dos beneficiários. Isso fica bem claro quando entrevistado 1 diz que era completamente leigo no assunto. Assim pode-se perceber que houve um grande aprendizado (SENAR /TEM 2013)

Olhe a gente saiu daqui de uma cabra de cinquenta reais, de uma cabra de meia garrafa de leite, para uma cabra que é campeã nacional, isso foi um resultado que a gente vem fazendo no dia a dia trabalhando em grupo e buscando sempre parcerias seja em eventos ou nas instituições e é por isso que nós fazemos a diferença na caprinocultura da região. E2.

A incubadora INCOSOL-CES/UFCG procura ofertar junto com seus parceiros ações de formação para Economia Solidaria que envolvam autogestão e valorização do trabalhador em um processo educativo diferenciado, buscando atender as dificuldades de cada um e do grupo.

Sim, muito por ter adquirido conhecimento na área E3.

É muito difícil falar sobre Economia Solidaria em uma sociedade capitalista e ainda inserir seus princípios na comunidade, mas aos poucos as novas gerações estão incorporando os programas sobre Economia Solidária (NOVAIS, 2013). Quando o entrevistado 3 diz ter adquirido conhecimento na área, já é um grande avanço nesse processo.

3. O senhor (a) se sente à vontade em realizar trabalhos em grupo, quando necessário?

“Eu acho importante o grupo porque sozinho a gente tem dificuldade você sabe que quando agente se uni conseguimos mais coisas e facilita mais a vida da gente quando a gente se uni, o receio que eu tenho é que às vezes me aparece alguns projetos aparecem ai a gente entra no projeto e depois a gente passa como se fosse um funcionário do projeto, chega umas pessoas dizendo “ você tem fazer isso ou aquilo ” e eu não sou

muito de trabalhar guiado por alguém eu sou muito espontâneo, alternativo então eu não sei bem como eu iria me comportar trabalhando em grupo. Eu sou acostumado trabalhar em grupo como você sabe, mas são grupos ideológicos e não profissionais e eu tenho um certo medo de passar a ser só mais um empregado” E1

A Educação de Jovens e Adultos- EJA engloba um grupo de pessoas que tem a necessidade de conciliar o trabalho árduo do campo com a procura de conhecimento em busca de melhores condições de vida para si e sua família (ARRUDA, 2014), porem podemos perceber ao longo do trabalho a dificuldade das pessoas em formar efetivamente um grupo comprometido com todos os envolvidos.

“A gente trabalha com nossa associação em conjunto sempre querendo o melhor para todos e é através desse trabalho que foi liberado um projeto muito bom que vai beneficiar todos... Quando a gente se agrupa cria forças e consegui as coisas e sonzinho não...Lembro que na época foi muito difícil e s pessoas não acreditavam” E2

“ Sim é muito importante o trabalho em grupo, a gente cresce e fica mais forte” E3.

A união é o motor de engrenagem para o funcionamento dessa cooperação (ARRUDA, 2014), e assim o grupo fica cada vez mais fortalecido diante as dificuldades.

4- Para o senhor (a) qual seria a vantagem de se realizar um trabalho em grupo?

“Eu sempre fui um admirador e fã da cooperativa pra mim é uma das coisas mais importantes, cooperativas e sindicatos, porque eu não conheço ninguém que lute pelo o trabalhador além do sindicato, ate existe alguns órgãos com aquelas ONGS que são assistencialistas, mas pra lutar pelo direito do trabalhador é o sindicato e pra fortalecer a atividade do trabalhador é a cooperativa. E para mim o trabalhador cooperativado é mais forte” E1

Para tanto, uma alternativa singular e hipotética como estratégia do crescimento e do desenvolvimento regional seria a cooperativa, pois, pelo seu caráter ideológico doutrinário, comporta as duas dimensões. Há que se ter claro, no entanto, que ela deverá cumprir o seu papel de organização empresarial, contribuindo definitivamente para o crescimento econômico dos municípios onde atua, e o seu caráter institucional, como promotora do desenvolvimento econômico e geradora de bem-estar para toda a comunidade onde está inserida e assim lutando pelos direitos dos seus cooperados (ILHA, 2008).

“Você conseguir se ajudar e ajudar os outros porque é muito difícil hoje você conseguiu crescer fazendo as coisas sozinho, buscando sempre informações e parcerias, agora mesmo estamos tentando consociar a abelha com a cabra e assim vamos se agrupando se formando e vamos crescer”. E2

“A vantagem eu só vejo em um pequeno grupo porque em um grande grupo fica muito difícil. Em um pequeno grupo acho mais fácil o dialogo ser proveitoso” E3

Devemos ter como horizonte a possibilidade de trabalharmos uma nova ética das relações humanas, do diálogo, a vinculação da educação com os processos de trabalho, e as novas relações e (auto) gestão do trabalho, tendo como objetivo final não exclusivamente o lucro, mas sim ser humano. Por isso se faz necessário repensar, de modo geral, a EJA que vem sendo desenvolvida “por aí” e como são desenvolvidas as pedagogias para Economia Solidária (CORRÊA, 2008).

5-CONCLUSÃO

A incubadora tem um importante papel nos processos educacionais para o desenvolvimento de uma nova economia, pois sabemos que para que possamos pensar os processos de trabalho, necessitamos repensar também os processos educativos para que esses atendam efetivamente a sociedade.

Diante dos dados coletados e analisados, vimos que as formações educacionais atenderam de maneira satisfatória as necessidades dos envolvidos no processo de formação em Economia Solidária, porém devemos considerar a diversidade econômica e cultural dos produtores que já são incumbidos de saberes próprio e a partir das suas experiências prévias com outras instituições ocorreu um pré julgamento dos objetivos da incubadora por partes dos produtores.

Nas capacitações a incubadora INCOSOL trabalhou a Economia Solidária de maneira sucinta, destacando sempre seus princípios e os bons exemplos que existem ao nosso redor, todavia um desafio a ser vencido é a cultura capitalista enraizada nas práticas e nas experiências dos produtores rurais.

Pôde-se constatar que houve uma troca de experiências ao longo do desenvolver da pesquisa, pois os produtores tem uma grande vivencia em seus empreendimentos e a incubadora trouxe a eles novos conhecimentos e assim a construção de um conhecimento novo surgiu.

Parcerias foram formadas com a Associação de Caprinos APICONF localizada no município de Nova Floresta PB e a Cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro localizada no município de Jaçanã RN, que foram de extrema importância, realizando um trabalho diferenciado e promovendo a realização da maioria dos cursos ofertados.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R., E Sachuk, M. I. **Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação de indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas.** Revista de Gestão da USP, 14, 53-66 2007.

ARAÚJO FILHO, T. **Exposição UFSCar. Relatório.** In: 1º seminário de incubadoras de cooperativas do proninc. A Extensão Universitária na Incubação de Cooperativas de Populares. São Paulo, 2005.

ARDICHVILI, A., E KUCHINKE,P. **International Perspectives on the Meanings of Work and Working: Current Research and Theory.** Advances in Developing Human Resources, 11(2), 155-167. 2009.

ARRUDA, A, P, B. **A economia solidaria na educação de jovens e adultos,** Campina Grande PB 2014.

BRASILS, F.. 13.º conex – apresentação oral – resumo expandido reverberações do processo de incubação: **a experiência das trabalhadoras da afesol como formadoras em economia solidária** 2015.

CASTRO, B. **Notas críticas sobre o projeto político de Paul Singer: economia solidária e transição para o socialismo.** In: 6º Colóquio Internacional Marx e Engels. GT 8 - Socialismo no século XXI. Campinas: NEPEM/UNICAMP. 2009.

CORRÊA L, O, R. **Economia popular, solidária e autogestão: o papel da educação de adultos neste novo cenário** UFRGS 2008.

CULTI, M.N. **Economia Solidária: Incubadoras Universitárias e Processo,** Revista PROPOSTA, publicação da FASE, Janeiro 2007.

CULTI, M.N **“O cooperativismo popular no Brasil,** www.ecosol.com. 2008. Acessado em 25 de abril 2016.

EID, F. Sobre a concepção de Incubadora universitária de empreendimentos de Economia Solidária da UNITRABALHO e sobre metodologia de incubação.

Disponívelem:<http://www.unitrabalho.org.br/imagens/artigos/set05/lia_tiriba.pdf>. Acesso em: 28 abril 2016.

_____; SHOR, Ira. **Medo e ousadia.** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986

FRIEDRICH, M. **Trajatória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas** Ensaio: aval. pol. Educ., Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 389-410, abr./jun. 2010.

FRANKE, W. **Doutrina e aplicação do direito cooperativo.** Porto Alegre: Pallotti, 1983.

FREIRE, P.. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: paz e Terra, 2002.

FRIGOTTO, G.. **Educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: teorias em conflito, in Educação e crise do trabalho: Perspectivas de final de século**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LOPES P, S. E SOUZA S, L: **EJA: Uma Educação possível ou mera Utopia?**, 2008

GADOTTI, M.. **Pedagogia da Práxis**. São Paulo: Cortez, 2006.

GODOY, A. S **Pesquisa Qualitativa: Tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v 35, n.3, maio./ jun. 1995.

ILHA, P, P, C, **A cooperativa como elemento de Capital social da comunidade*** Rev. FAE, Curitiba, v.11, n.2, p.25-34, jul./dez. 2008.

NOVAIS, H. **Os pilares do trabalho associado**. Disponível em : www.fbes.or.br, cessado outubro 2016.

ORGANIZAÇÃO das Cooperativas Brasileiras. Disponível em: <<http://www.ocb.org.br>>. Acesso em: 17- de Dezembro 20016

REBEIRO A, C **Educação de Jovens e Adultos, Ensino Fundamental – Proposta Curricular** 1º segmento,3º ed São Paulo e Brasília educação Educativa Brasília MEC 2001.

SANTOS, A **O movimento da economia solidária no Brasil e os dilemas da organização popular**. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UERJ. 2010.

SENAR/TEM, **Política Nacional de Economia Solidária**.V1a V6 , Brasília Maio de 2013.

SINGER, P.. **A economia solidaria como um ato pedagógico**. INKRUPPA, Sonia M. Portella, Brasília Inep. 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Meu nome é Laiane Cristina Souza de Araújo gostaria que (a) senhor (a) respondesse esse questionário sobre uma pesquisa que estou fazendo para conclusão de uma pós- graduação pela UFCG. Esta pesquisa é sobre as ações da incubadora IEES/UFGC cuité, com caprinocultores e ovinocultores que tenham algum vínculo com a cooperativa COOPERCACHO localizada no município de jaçanã RN.

Caso concorde em participar da pesquisa, será realizado questionário e entrevista a cerca das atividades desenvolvidas pela incubadora IEES/UFGC Cuité PB.

Caso concorde em participar da pesquisa, será realizada a aplicação de questionários ou uma entrevista com o (a) senhor(a), onde serão perguntadas informações sobre como ocorreu ou ocorre o processo de formação dos cooperados no município de Jaçanã/RN sob o acompanhamento da incubadora IEES/UFGC –Cuité PB.

Este trabalho está sendo realizado pela Universidade Federal de Campina Grande, sob o título “Análise de ações da incubadora IUEES-CES /UFGC no processo de formação, para práticas educativas em economia solidária, com caprinocultores da cooperativa agropecuária cacho de ouro”, e não tem nenhuma relação com governo ou outra instituição. Nossa finalidade única é obter informações sobre o processo de formação dos associados da cooperativa COOPERCACHO do município de Jaçanã/RN, e dessa forma, a participação do(a) senhor(a) não implica em nenhum recebimento de benefício material ou a inclusão em programas governamentais.

O(a) senhor(a) não é obrigado(a) a participar da pesquisa e se não participar isto não vai lhe trazer prejuízos. O(a) senhor(a) poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e por qualquer motivo.

Os resultados deste trabalho deverão ser divulgados em revistas científicas, mas com a garantia de que, em nenhuma circunstância, as identidades dos entrevistados serão identificadas.

Se todas as suas dúvidas foram esclarecidas, pedimos o seu consentimento para incluí-lo(a) como participante da pesquisa. Se tiver qualquer dúvida sobre o estudo, pode entrar em contato com a coordenadora da pesquisa Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos.

Responsável pela Pesquisa

Profª Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos

Universidade Federal de Campina Grande/ Centro de Educação e Saúde /Unidade Acadêmica de Educação/ Curso de Licenciatura em Química Tel: (83) 3372-1963/ 3372-1900

AUTORIZAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____,
declaro que fui devidamente esclarecido (a) e concordo em participar da “ Análise de ações da incubadora IUEES-CES /UFCG no processo de formação, para práticas educativas em economia solidária, com caprinocultores da cooperativa agropecuária cacho de ouro”.

_____, _____ de _____ de 2016

Assinatura da entrevistadora

Assinatura da coordenadora da pesquisa

IUFCG/BIBLIOTECA

APÊNDICE I I- QUESTIONÁRIO APLICADO A ADMINISTRAÇÃO DA
COOPERATIVA COOPERCACHO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- UFCG
CES: CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE CAMPUS CUITÉ
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM ÊNFASE EM
EDUCAÇÃO SOLIDÁRIA- EJA/ ECOSOL

LAIANE CRISTINA SOUZA DE ARAÚJO

Questionário da Administração da cooperativa COOPERCACHO JAÇANÃ

- 1- Como se deu a fundação da cooperativa?
- 2- Quais as dificuldades encontradas para concretizar a fundação?
- 3- Quantas pessoas trabalham na administração da cooperativa? E suas devidas funções.
- 4- Qual a razão social?
- 5- Quantos cooperados? Qual o perfil dos cooperados?
- 6- Qual a porcentagem de cooperados alfabetizados?
- 7- Quais as culturas trabalhadas?
- 8- Quais são os parceiros da cooperativa?
- 9- Quais as principais conquistas da cooperativa?
- 10- Quais os programas sociais existentes na cooperativa?
- 11- Como é estrutura física da cooperativa? Incluindo os equipamentos.
- 12- Quais as regiões que a cooperativa atua?

APÊNDICE III – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS CAPRINOCULTORES E
OVINOCULTORES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- UFCG
CES: CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE CAMPUS CUITÉ
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM ÊNFASE EM
EDUCAÇÃO SOLIDÁRIA- EJA/ ECOSOL

NOME: _____

Questionário dos caprinocultores e ovinocultores.

1. Como você tomou conhecimento da incubadora?

Pela Cooperativa Por parentes Por outros

2. Como funciona seu regime de trabalho?

Sozinho Familiares Outros produtores

3. Qual a sua escolaridade?

Ensino Fundamental Ensino Médio Ensino Superior

4. O que mais lhe chamou atenção no curso sobre ensilagem e fenação?

Novos conhecimentos Os professores

O local Nada, foi igual aos outros

Foi muito rápido Fizemos tudo na prática

5. O que mais você gostou do curso? Por quê?

6. Você tem alguma ajuda técnica presente na sua propriedade?

SIM NÃO